

YO NO CREO EN BRUJAS, PE

S FORMIDÁVEIS SORVEDOUROS DE DINHEIRO, COM OLETA, SACARÁ E PIF-PAF, AO LONGO DOS 6.000 QUILOMETROS DE BELÍSSIMAS PRAIAS BRASILEIRAS.

Crônica de JUSTINO MARTINS

Fotografias de Ed. KEFFEL

TODOS os rios correm para o mar, mesmo os rios do dinheiro. Dizem que no mar começa e termina o mundo, que nêle nasce e morre a vida. Se isso fôr verdadeiro, justifica-se naturalmente o prazer extravagante cultivado por algumas pessoas, de envaírem nas nossas alvas praias do mar, muito — senão tudo — daquilo que, em geral, levaram boa parte da vida para juntar...

Nos 6.000 quilômetros da costa brasileira surgiram nestes últimos anos inúmeros cassinos balneários aproveitando as tropicais e belíssimas

praias ou camuflando a necessidade natural de uns sorvedouros de dinheiro, paf e outros divertimentos como o chocalh. Produtos de uma época por nós todos, os modifuram uma legítima burguesia nacional, pa grandes e pequenos co satisfeitos com seus luc A vida, para eles, p



O "PONTO E BANCA" É RÁPIDO, VIOLENTO, APESAR DE SIMPLES. EM POUCOS MINUTOS, ELE ENGOLE FORTUNAS, PARA "DISTR

... QUE LAS HAY, LAS HAY...

a areia alva e a ne-
refrigério, formidáveis
m roleta, bacará, píf-
A primeira vista ino-
de um recém-nascido,
ue não será esquecida
os cassinos brasileiros
ão para a irrequieta
os nouveaux-riches, os
rciantes redondamente
e lucrinhos de guerra,
ce que vai acabar em



... DOS PARCEIROS...

seguida, como o sopro agradável da brisa marí-
tima, no entardecer. E eles se lançam para a
costa do mar, onde a mágica bola branca e os
paradoxos do "ponto e banca" decidem o destino
com as mais inféltas emoções. E' emoção, efe-
tivamente, o que querem. Emoção diferente, uma
vez que o jogo dos negócios, depois de setembro
do 39, se tornou legítima "galinha morta". Fora
o cambio negro...

Sem nenhuma apreensão, enquanto a vertigi-
nosa aritmética de Mercúrio se revela infalível,
diante de tão certas e fartas probabilidades, —
não pensam no após-guerra, nem se precavem
para o futuro, pois o que importa é a geração e
a geração está chegando ao seu ocaso. Pensar no
futuro do país é como fazer seguro de vida em
benefício dos outros, o que não interessa. Vale é
viver a própria vida em toda a sua plenitude...

Acontece, porém, que essa "plenitude" se li-
mita para eles ao sorriso paradisíaco das mulhe-
res bonitas, ao aparato social, à ostentação das
jóias caras, ao uso confortável dos coloridos e du-
vidosos casacos de praia, aos óculos ray-ban, à
demonstração de atitudes e à queda momentânea
dos míseros preconceitos cidadãos...

Tudo está certo, de acordo com o mundo de
cada um. Este é o pensamento geral de uma gen-
te que já não se reconhece, que se despersonalizou
como coletividade empreendedora, para agir e ra-
ciocinar de modo individual, exclusivo. Nada mais
existe fora das fronteiras do ego. E este não se
satisfaz com pouco; quer mais, mais e mais de
tudo, quer o céu, a terra e o mar: quer o mundo
à sua mercê...

O mundo dos frequentadores de cassinos é
muito menor e menos complicado que o mundo de
Wendell Wilkie, por exemplo. Num só olhar se
abrange tudo, ofuscando a vista e cegando as am-
bições. Nêle, vigora o aparato, enquanto jorra
o dinheiro.

Do alto do meu camarote, eu sou um repór-
ter que tem o péssimo hábito de observar as co-
isas detalhadamente, mesmo que não seja permi-
tido ao repórter dar palpites ou extrair moral da-
quilo que registra. Assim, limito-me a olhar e
a tomar notas, embora com a reprovável intenção
de meter-me na vida dos outros. Imagino quan-
tos cassinos, roletas e bazarás haverá na imensa
costa brasileira, a começar do distante Pará, pas-
sando pelo Recife dos tempos da guerra, pela
Bahia do fumo que produz ouro, pelos palácios ilu-
minados de Copacabana, — até os bisonhos cas-
sinos do Imbé e Tramandaí, cá em baixo, onde a
praia parece um deserto com suas dunas a per-
der de vista. Imagino-os e sei que todos se re-
produzem em idênticos aspectos, com maior ou
menor luxo, com maiores ou menores cartadas. ?

Grill-rooms em Copacabana, por exemplo, re-
gorrantes de damas com cinquenta contos de
roupas sobre o corpo. O uísque e o gin cantan-
do no fundo dos copos a rapsódia da felicidade
alcoólica. Os cavalheiros menos dotados de cre-
denciais, lutando por uma mesa, "bem visível,
mestre!", e os refletores ocultos jorrando luz sô-
bre a mesa, anunciando a todos um aniversário
possivelmente inventado na hora. Logo, os fotó-
grafos das revistas "Sombra", "Rio Magazine" e
"Rio", aparecendo para serem chulhados à distân-
cia. Quem será premiado com um daqueles fo-
toflashes, cartão de entrada na galeria social dos
grandes nomes, das famílias colonialmente tradi-
cionais? Quem irá sorrir na página A cores, sô-
bre uma legenda borrifada de aristocracia, tresan-
dando nobreza e dinheiro nem sempre farto? "O
sr. e a Sra. X, à mesa do conde fulano, palestram
no grill do Copacabana com Mr. Sknetecdeddy e
a sra. Ministro etc".

O ambiente é de deslumbramento. Em cada
olhar feminino, uma réstia de vaidade pelo traje
modêlo (fabricado num barracão sem luz e ar, junto
ao morro) adquirido com rótulo estrangeiro na
grande loja por um preço irritantemente exposto
às vistas da população habitué da fila. E, no
fundo, com entrada paga, longe do ruído emoliente
das orquestras, o ciclo poderoso, o sortilégio pro-

vocante das fichas sobre o pano verde. As histó-
rias da roleta são lugar comum, o flagrante em
Copacabana perde em interesse devido ao exáge-
rado refinamento dos personagens, habituados à
rotina das grandes emoções e com gestos cinema-
tográficamente corretos. Salvo quando a alma na-
cional se revela, explodindo, como na quinzena
passada — e até os jornais noticiaram — trocando
a falsa capa da aristocracia pelo braileísmo
lenço no pescoço e a navalha no bolso. A história
se conta em rápidas linhas:

Um aviador da Panair, — em descanso o an-
jinho, — divertia-se como todo mundo, no grill
do Copacabana. — Esse grill agora está modificado.
Ergueu-se em torno dele um passadizo para o
desfile das "quatorze mais belas mulheres do
Brasil". — Divertia-se e o divertimento num cas-
sino está sempre dependendo do uísque e do gin.
Lá pelas tantas, o aviador andava nas nuvens.
Queria passar pedras de gelo nas pernas das co-
ristas, como quem limpa as asas de um avião, car-
regadas de neve na estratosfera. A direção do cas-
sino não gostou daquilo: era um atentado aos bons
costumes da nobreza circundante. E nasceu a
discussão com os investigadores de serviço. Da
discussão ao pugilato, foi um segundo; do pugilato
aos tiros e à franca desordem, com a intervenção
de populares, de policiais de choque e até de pa-
trulhas do Exército, foi outro segundo. No final
da brincadeira, — que transformou o majestoso
palácio do luxo em um reles dancing de fronteira,
tipo "Bafo Quente" de Santana do Livramento,
— no final, havia alguns feridos e nenhuma outra
consequência...

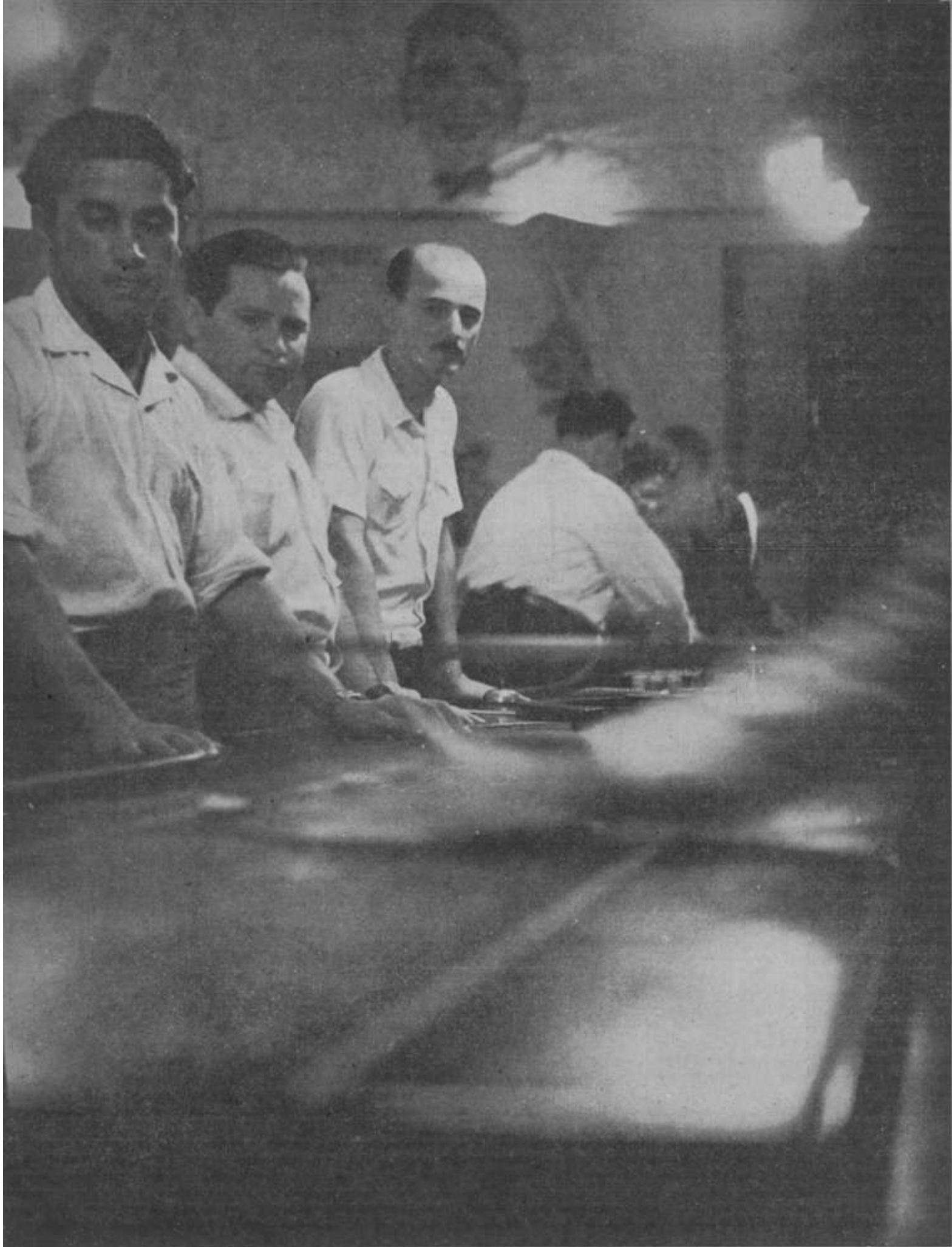
Coisas da alma nacional, estranhando-se de
súbito em ares de Monte Carlo. E assim eu desço
até Tramandaí e Imbé, no Atlântico Sul, como diria
um comunicado de guerra.

Que vejo, amigos? Uma reprodução muito
miche, e de mau gosto, nas atitudes e no ambiente,
dos grandes cassinos cariocas. Imponentes, porém,
e arrogantes a mesma roleta, o bacará, o píf-
paf secreto. Ali encontro o milionário porto-
alegrense ostentando em paradas de mil e dois
mil cruzelros as cifras inestimáveis de sua for-
tuna, oriunda de pai para neto e de sogro para
genro; o fazendeiro de pele enrijecida ao sol dos
campos, amaciando as mãos ao contato liso do pano
verde, — enquanto mantém a sua decisão de não
ceder uma vaca para o suprimento de carne verde
às populações, — e esquecendo o valor das cédulas
sob o fascínio do jogo. Foi o milionário que eu
vi brincando com o filhinho, de dois anos, uma tarde,
quando a roleta estava em descanso, e dizendo
para a criança, num tom entre jocoso e carinhoso:
"Vamos jogar uma roleta, filhinho? Vamos? Ah!
Bicho velho, tu vais ser dos bons!" E o fazendei-
ro, com seu sotaque de fronteiro, confessando-se
para um amigo que lhe dava um palpite: "Yo
no creo en brujas, pero que las hay, las hay", ao
que seguiu-se uma ficha de 100 cruzelros, o má-
ximo, no número 13.

Por sua vez, o madeireiro de Carasinho, com
a calma de um jogador profissional, esgotava seus
dias de férias, perdendo boa parte dos seus lucros
extraordinários, conquistados na derrubada fácil
dos selvagens pinheirais. Nos entreatos, os "vera-
nistas", de lápis em punho rabiscavam suas pro-
babilidades, numa vã tentativa cerebral de refazer
o que se fôra na noite anterior. E depois iam
dormir um sono agitado nos pouco confortáveis
quartos do hotel.

Imbé fica separado da popularíssima praia de
Tramandaí por um rio e se intitula o "veraneio
aristocrático do Rio Grande." Tudo está certo de
acordo com o mundo de cada um. E a roleta vai
bem com um hotel à beira do mar, assim como o
dinheiro dos milionários cai macio na burra dos
"banqueiros". O que não marcha direito, porém,
são as condições do veraneio, propriamente dito.
As famílias porto-alegrenses correm para o Atlan-
tico desde o começo do terrível verão sulino. E vão
parar no Cassino do Imbé, com bagagens e filhos.
Entre estes, contam-se como inúmeros os rapazi-
nhos e as mocinhas de 14 a 18 anos, colegiais ainda,
amorenando-se ao sol puro. Eles ainda ignoram

Continua na pág. 61



FEITO!

Uma mesa de roleta exige, ordinariamente, três mentores: o "croupier", o homem das fixas e um observador atento. Dedos ágeis, tanto dos jogadores como dos mentores, fazem a distribul-

ção das paradas em rápidos segundos. De súbito, ouve-se o grito: "Feito!", e as atenções se prendem às voltas da bola branca em torno dos números. Logo a "pásinha" recolhe as gordas paradas.



PERUANDO

Em torno à mesa de roleta, assiste-se a uma variedade de cenas humanamente dolorosas. Ora, é a garota de unhas polidas, ordenando as fichas com subtilezas de prestidigitador; ora é o tique ner-

voso do maior azarado; ou a fisionomia concentrada do calculista, aquele que recorre à matemática tentando acertar, e ainda o "peru", o que não joga por si, que dá palpites a trôco de um prêmio.



SORVEDOURO

Para muitos, a jogatina se justifica como "apenas um divertimento". Está certo. Mas para a maioria dos veraneistas brasileiros, a existência de jogos de azar nos balneários representa prejuízo e até

bancarrota. Eles vão ao mar para descansar e acabam fatigados, tardes e noites consumidas no calor das luzas, sobre as mesas feticheiras. Aqui está a mesa do baccará no cassino do Imbê.